

CAMPOS SALES

População sofre com falta de recursos

O MPCE encaminhou ofício à Arce solicitando fiscalização nos sistemas de água e esgoto do município

ANDRÉ COSTA
Colaborador

Campos Sales. O sol nem mesmo tem raído e dona Justina Ferreira, 61, já está em pé à espera da água. A agricultora acorda todos os dias por volta das 4 horas, prepara o café e fica de prontidão na torneira da cozinha, atenta ao primeiro sinal. A espera, por vezes, é longa. Ela conta que, nos últimos meses, o abastecimento tem sido alternado. A solução “é levantar cedo, enquanto a força nas torneiras ainda está boa, e encher o máximo de baldes que conseguir”.

A saga em busca da água não é exclusividade de dona Justina. A população de Campos Sales vive à beira de um colapso no abastecimento. A falta do recurso não é o único transtorno enfrentado pelos usuários da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece). O líquido que escorre pelas torneiras das residências tem mau cheiro e aspecto esverdeado, conforme relata Maria Aparecida Fontes. A auxiliar de limpeza reclama da qualidade e lamenta o dinheiro gasto para comprar, por semana, 108 litros. “Há anos nós enfrentamos esse problema, mas, nos últimos meses, piorou. A água, quando chega, fede e não serve nem para lavar a louça. O jeito é comprar”.

Para cada lata contendo 16 litros, o morador desembolsa R\$ 1. Uma equação que, no fim do mês, pesa no bolso. “A água falta, mas todo início de mês a conta chega”, reclama Maria Conceição Magalhães, moradora do bairro Aparecida. Em sua residência, vivem quatro pessoas e a conta mensal custa, em média, R\$ 55. Para complementar, recorre à vizinha que possui uma cisterna. “Nossa sorte é essa cisterna, caso contrário, gastaria perto de R\$ 100 por mês só com água”, comenta a dona de casa.



➔ **A situação em muitos açudes do Ceará é a mesma: com pouca ou nenhuma água**
FOTO: WALESKA SANTIAGO

ARMAZENAMENTO

5%

é a capacidade atual do açude Poço das Pedras, que tem condição de armazenar 2.380.000m³, e abastece a cidade de quase 27 mil habitantes

Sem contar com a mesma sorte, Jardênia Ferreira de Souza não tem outra opção, senão recorrer aos carros-pipa. Eles for-

necem a água utilizada para consumo humano e cozimento de alimentos. Ao todo, sete veículos fazem a distribuição na cidade. E, embora tenha excelente aparência, não há garantia de que seja própria para consumo.

No ramo há cinco anos, Francisco Pereira Filho, 34, explica que a água é retirada de Brejinho, em Araripe. O autônomo conta que, nos últimos seis meses, a procura cresceu. Para atender à demanda, teve de contratar dois auxiliares que o ajudam a entregar os cerca de sete mil litros por dia, o que gera faturamento diário bruto de R\$ 437.

No segmento há mais tempo, Paturi possui dois caminhões, ca-

da um com capacidade de até 60 mil litros, e quatro funcionários. Gabriel Diniz é um deles. Segundo o motorista, por dia são vendidos 45 mil litros, ao preço de R\$ 1 por lata, contendo 18 litros. “Acredito que, nos próximos meses, a situação vai piorar. Não está mais chovendo e o açude está secando. Nessa época, chegamos a vender 60 mil litros em um só dia”, acrescenta. A empresa capta água em Araripe e no Estado do Pernambuco.

Se dona Justina madrua em busca de água, Francisca Darcy de Bastos não dorme na ansiosa espera. “Trabalho o dia inteiro. Quando chego em casa faço os afazeres, preparo o almoço do

dia seguinte e, mesmo cansada, não posso dormir antes da meia-noite. Deixo as torneiras abertas e fico ‘pastorando’. Lá para tarde começa a entrar água. Os primeiros baldes geralmente eu jogo fora, porque a água é suja”. Por noite, chega a encher quatro baldes que servem de plano B.

Poço da Pedra

O nome do açude faz jus ao atual momento do reservatório. Seco, o que se vê é um enorme paredão de rocha. A pouca água que ainda resta é esverdeada e barrenta. A escassez consecutiva dos últimos anos afastou, inclusive, os pescadores. Antônio Bruno da Silva conta que aprendeu

a pescar com seu pai. Saudosista, ele lembra que, na década passada, o local era farto de peixes. “Vinha com meu pai, hoje já cansado pela idade. E era fácil a gente sair daqui com vários quilos de peixe”. Hoje, o cenário é preocupante. O local quase não é mais visitado por pescadores. As canoas estão à deriva, nas margens do açude. O açude Poço das Pedras, que abastece a cidade, de quase 27 mil habitantes, encontra-se com menos de 5% da capacidade de armazenamento, que é de 2.380.000m³.

Ministério Público

O Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE), representado pela Promotoria de Justiça de Campos Sales, encaminhou ofício à Agência Reguladora de Serviços Públicos Delegados do Estado do Ceará (Arce), solicitando fiscalização nos sistemas de água e esgoto do município. O promotor de Justiça Gleydson Leandro Carneiro Pereira justifica o pedido citando o Artigo 129, II, da Constituição Federal, que diz sobre a necessidade de “zelar pelo efetivo respeito dos poderes públicos e dos serviços de relevância pública”.

O Ofício requisita que “seja realizada visita de técnicos a fim de verificar as condições de abastecimento de água potável e de esgoto, elaborando ao final o laudo circunstanciado dando conta do atendimento à legislação pertinente”. O promotor requer, também, que seja “procedida uma avaliação técnica da qualidade da água (nos aspectos físicos e odor) distribuída pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará, avaliando desde o armazenamento até o processo de filtragem e distribuição da água”.

A Cagece diz conhecer a situação do município e ressaltou que, no começo do ano, estava em tramitação processo para liberação de recurso na ordem de R\$ 20 milhões. O valor seria destinado à implementação do projeto de reestruturação de todo o sistema de abastecimento de água de Campos Sales. O recurso foi cancelado pela Fundação Nacional da Saúde (Funasa).

Fornecimento acontece somente a cada 48 horas

ALEX COSTA
Colaborador

Quiterianópolis. Três anos após enfrentar a pior crise hídrica da sua história, a cidade de Quiterianópolis, no Sertão dos Inhamuns, ainda vive o pesadelo do racionamento de água para abastecer a população.

Dos cinco bairros, quatro deles - o Centro, o Alto Brillante, Cidade Nova e Colinas, este último próximo do reservatório público da cidade, que agoniza - têm o fornecimento realizado pela Cagece. Mas o abastecimento é dividido em dois setores. A água chega às torneiras de cada um deles somente a cada período de 48 horas.

Entretanto, em algumas áreas residenciais, como o Alto dos Linos, na residência de 14 famílias, a água sequer pinga nas torneiras. Quem mora próximo de um dos chafarizes instalados pela Prefeitura já se acostumou à rotina de ir buscar água. “Pelo menos não é obrigado a controlar ainda mais o consumo, como ocorria até início de 2013, com quem precisava do auxílio do carro-pipa, que distribuía o líquido de porta em porta, relata o coordenador de Comunicação Cícero Lacerda.

Moradora do Alto dos Linos, a agricultora Antônia Alves, 57, confirma a angústia relatada pelo representante da administração municipal. “Não fosse a Prefeitura abastecendo a caixa próxima da minha casa, a gente estaria sofrendo castigo pior do que



Para facilitar o abastecimento por carros-pipas, os moradores da zona urbana de Quiterianópolis colocaram caixas-d'água nas calçadas FOTO: CÍCERO LACERDA

o do flagelo da seca. Eu estou doente e o meu marido, que já passa dos 74, também. Quem vive da roça, já passou por muita coisa ruim, mas eu não imaginava que esse sofrimento também chegasse na cidade”, comentou.

O presidente da Associação Comercial de Quiterianópolis, Nivano Bezerra, e mais oito dezenas de associados estão preocu-

pados com a crise hídrica. Ao invés de ir para o comércio, o escasso dinheiro da clientela está sendo destinado à compra de água. O preço da carga, de 8 mil litros, varia de R\$ 60 a R\$ 80. Entretanto, no setor, quem sofre mais são os restaurantes e lanchonetes, onde há mais necessidade de água. Além da queda nas vendas, já superior aos 30%,

eles precisam de água nos seus estabelecimentos.

Enquanto os comerciantes amargam prejuízos, a Prefeitura de Quiterianópolis utiliza seus recursos para atender às necessidades emergenciais. Não estavam nos planos da atual gestão gastos anuais de aproximadamente R\$ 1 milhão com a perfuração de poços, instalação de chafarizes, abastecimento de carro-pipa e manutenção de equipamentos, principalmente de motores-bomba. A Prefeitura instalou 22 caixas (chafariz) e também abastece duas caixas cisternas de 20 mil litros, explicou o prefeito José Barreto.

Chafarizes

Ao todo, já foram perfurados cerca de 40 poços profundos em todo o Município, incluindo os com recursos próprios e os perfurados em parceria com os governos Estadual e Federal. Só por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) - Modalidade água foram perfurados 17 poços nas escolas de Quiterianópolis. O abastecimento d'água da sede é feito pela Cagece, com o pouco que resta no Açude Colinas, e pela Prefeitura, por meio da água colocada pelos carros-pipa nos chafarizes.

Desde 2012, a Defesa Civil do Estado disponibilizava recursos para abastecimento d'água da Sede, mas essa operação, via governo do Estado, foi suspensa há três meses. Já nas comunidades da zona rural, são 22 rotas de carro-pipa do Exército (governo federal) fornecendo água para a população.

➔ Mais informações

Prefeitura de Quiterianópolis
Av. Laurindo Gomes - Centro
Telefone: (88) 3657-1389

Qualidade da água também preocupa

Capistrano. Nesta cidade, localizada, na região do Maciço de Baturité, onde o racionamento de água começou há pouco mais de um mês, parte da população está recorrendo aos chafarizes instalados pela Prefeitura, pelo menos onde a água pode chegar até as caixas desses equipamentos de abastecimento público.

Em alguns pontos da cidade, o fornecimento está sendo feito pelos carros-pipa. Mas a preocupação maior está na qualidade da água distribuída pela Cagece. As reclamações são de mau cheiro, de peixe podre, explica o coordenador municipal da Defesa Civil, José Andrade Gonçalves.

Despesas

As despesas relacionadas à seca começam a afetar as contas públicas. Gastos extras surgiram, como, por exemplo, a manutenção das bombas dos poços. O desembolso mensal é de R\$ 3 mil. As despesas não são maiores porque uma empresa especializada foi contratada para realizar esse tipo de serviço. Há ainda a necessidade de aquisição de combustível para o carro-pipa se deslocar até o Município.

São várias viagens extras, principalmente para atender aos postos de saúde e às escolas. No total, as despesas variam entre R\$ 25 mil e R\$ 30 mil por mês. “O carro-pipa do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) consome muito combustível, um litro de óleo diesel por quilômetro”, ressalta o prefeito Cláudio Saraiva.



Parte da população está recorrendo aos chafarizes instalados pela Prefeitura FOTO: ALEX PIMENTEL

Ainda conforme o gestor municipal, a alternativa para solucionar esses problemas, pelo menos na expectativa da próxima quadra chuvosa ser melhor em relação aos últimos anos, está na instalação de uma adutora de montagem rápida até o açude Pesqueiro, situado a 6Km do Centro de Capistrano. “O governador havia prometido assinar a ordem de serviço em abril. Estamos aguardando”, completou o gestor. (A.P.)

➔ Mais informações

Prefeitura de Capistrano
Praça Major José Estelita - Centro
(85) 3326-1327